Nº 148

APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE,
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

À nossa irmã, a República do Paraguai

Fazem justamente trinta anos que os erros de uma política filauciosa e violenta engendravam um rompimento que, poucos dias depois, atirou três nações sul-americanas à uma guerra encarniçada contra outra de suas irmãs[1].

Esse sangrento episódio de nossa história, uma das páginas mais tristes do reinado do pseudo rei-filósofo Pedro II, só deveria inspirar ao coração dos verdadeiros republicanos brasileiros votos ardentes pela felicidade da heroica nação, duplamente vítima: da ambição e orgulho do seu chefe, do orgulho e ambição de suas irmãs. A par desses votos cabia-lhes envidar esforços para auxiliarem o Paraguai a cicatrizar as suas cruentas feridas, manifestando-lhe sempre a solicitude, a cortesia sincera com que, tanto na vida pública como na vida privada, procuramos atenuar e fazer esquecer os efeitos das faltas cometidas por aqueles a quem nos achamos ligados por laços íntimos, no passado no presente.

Tais eram os sentimentos e os impulsos que acreditávamos iriam servir de base, depois de proclamada a República, a uma nova atitude em relação aos nossos irmãos do Paraguai, iniciando se assim uma política internacional verdadeiramente sul-americana, sincera e hábil, oposta aos manejos e à protérvia da diplomacia imperial.

Infelizmente, força é confessar que as nossas classes governantes mostram nada ter aprendido a esse respeito de 15 de Novembro para cá. Depois de outras, realiza-se hoje, nesta capital, no meio das mais pomposas festas, uma nova distribuição de medalhas comemorativas da fratricida luta. Queremos crer que para tantas demonstrações de

[1] Para a apreciação da Guerra do Paraguai, veja se a *Biografia de Benjamin Constant*, por R. Teixeira Mendes, tomo I, págs, 89 e seguintes – M.L.

regozijo entra por muito a presença dos conspícuos comissários da República do Uruguai. Mas teria sido para desejar que, com o fim de desenvolver as boas relações que nos unem aos nossos simpáticos vizinhos, se houvesse escolhido outro motivo que, longe de recordar o quase aniquilamento de uma nação irmã, permitisse que esta pudesse também se associar a essas amistosas manifestações.

Ante tão errada a conduta, seria imperdoável fraqueza de nossa parte se, esquecendo os nossos antecedentes em tais assuntos, deixássemos passar sem protesto o que se nos afigura, ao mesmo tempo, um sinal de retrogradação para além de 15 de Novembro e um agravo aos vencidos, tão contrário à proverbial generosidade do povo brasileiro. Sobretudo move-nos o cavalheiroso desejo de oferecer aos nossos irmãos do Paraguai, por meio deste protesto oriundo do patriotas insuspeitos, um lenitivo às dolorosas emoções que as festas de hoje hão de necessariamente despertar-lhes. Eles ficarão sabendo, ao menos, que existem no Brasil republicanos que não renegaram os seus princípios, e que, às vistas acanhadas de um *chauvinismo* vulgar, preferem as inspirações de um patriotismo compatível com os mais elevados destinos da Humanidade.

Estas linhas não têm outro fim. Estamos prontos a render preito à bravura e ao civismo de todos quantos nessa calamitosa quadra, tanto de um lado como de outro, souberam honrar o seu posto e cumprir com o seu dever, tal como este se lhes apresentava então, através de preconceitos e sofismas dominantes. Mas este reconhecimento individual a um Osório, a um Barroso, a um Marcílio Dias, para só citar nomes nossos, difere profundamente da consagração coletiva e em globo – como fato histórico – de uma guerra que, estamos certos, a posteridade há de julgar severamente, votando a uma eterna reprovação as memórias daqueles que a promoveram, ouque barbaramente a prolongaram, sejam brasileiros, argentinos, uruguaios ou paraguaios.

A este propósito seja-nos lícito submeter novamente à consideração dos poderes públicos a ideia de restituirmos solenemente ao Paraguai os troféus que guardamos dessa pugna fratricida, declarando por essa ocasião saldada a dívida de guerra que lhe impusemos como consequência de nossa vitória. Por este duplo significaríamos que a República Brasileira repudia as tradições nefastas da política do Império, e ofereceríamos à nação vencida inestimável penhor de fraternidade internacional.

O projeto que acabamos de lembrar mereceu a aprovação entusiástica de Benjamin Constant, cujo alevantado espírito chegou a cogitar de sua realização, que certamente se teria levado a efeito, se a morte não houvesse roubado tão cedo o Fundador da República aos seus compatriotas.

E, terminando, enviamos à nossa irmã, a República do Paraguai, uma saudação fraternal, com os votos sinceros que fazemos pela sua completa prosperidade – na ordem e no progresso, meta comum dos esforços e das aspirações humanas.

Pelo Apostolado Positivista do Brasil:

MIGUEL LEMOS, Diretor.

Rio de Janeiro, Capela da Humanidade, 6 de Frederico de 106, (10 de novembro de 1894)